

## PRIMEIRA TEATRAL

## O "STÁBILE DI TORINO"

**T**IVEMOS, no último fim-de-semana, três espetáculos diferentes no Teatro Municipal, levados pelo "Stabile della Città di Torino". Apresentou-nos o Stabile, nas noites de sexta e sábado e na véspera de ontem, domingo, respectivamente, "Miles Gloriosus", de Plauto, "L'Olimpia", de Giovan Batista della Porta (ambos em arranjo de Giovanni Poli e dados num só programa), "La Giustizia", de Giuseppe Dessi, e "La Moscheta", de Ruzante.

Confirmou-se, com essas três encenações, a impressão que havíamos tido em "Bertoldo na Corte". O elenco é homogêneo: desprovido de estrelismos, tampouco mostra artistas que pudessem ser chamados de secundários. São todos bons. Se algum se destaca, nesta e naquela peça, é por causa do papel que desempenha. Contudo, experiência é sempre experiência e uma atriz como Paola Borboni mostra, em qualquer personagem, a força de seu "métier".

A direção dos espetáculos não procura realçar interpretações que primem pela originalidade: deseja, ao contrário, realizar, da melhor maneira possível, o convencional. Por exemplo: um personagem que tenha uma idéia repentina dá o clássico estalinho nos dedos. Mas o gesto é acompanhado de tamanha expressão de corpo e rosto que se torna, apesar de corriqueiro, num gesto raro e extraordinário. Nas moças a expressão corporal é de tal modo bela que até a pele fala, numa espécie de irradiação daquilo que o personagem quer comunicar. Há deliberada sublinhação de comicidade através de, por exemplo, narizes postiços, cabeleiras especiais, grifos de certos tipos físicos. A mimica assume, no Stabile di Torino, aspectos de complemento da linguagem e tem a característica de parecer espontânea e natural. O que mais impressiona, neste conjunto italiano, é a modulação das vozes. Que nuances de tons e câmbios bruscos! Que efeitos, na união das vozes e dos gestos!

As marcações são plásticas, formando verdadeiros detalhes de quadros de pintura. Em relação à luz, nunca vimos em teatro — e dizemos isto sem exagero — um aproveitamento artístico e teatral tão bonito e eficiente como o do Stabile di Torino. A luz fala, canta, grita, corta cenas, cria ambientes. A luz sabe ser palavra, cenário, gente viva.

Os cenários são outro ponto alto da companhia. Não foi sem razão que muitos dos cenários do Stabile receberam prêmios na Itália. Os que mais nos agradaram foram os de Eugênio Guglielminetti para "Miles Gloriosus" e "L'Olimpia", cuja tônica tende para a poesia e o fantástico. Dos cenários realistas de Mischa Scandella, preferimos os de "La Moscheta". O outro, apesar de plástico, não se casa bem com o texto de "La Giustizia"; tem escadas inúteis, complica entradas e saídas e cansa a vista do espectador com detalhes desnecessários.

Os figurinos de tôdas as peças confirmam o conceito que a Itália vem adquirindo nesse terreno em todo o mundo. Engastam-se bem nos cenários e chegam mesmo a completá-los. Os que mais nos encantaram foram os da peça de Plauto.

Quanto aos textos, sobre "Miles Gloriosus" pouco temos a dizer. Como todo o teatro de Plauto, é importante apenas do ponto-de-vista didático. "L'Olimpia" é também peça simplesmente educativa, isto é, vale como estudo de determinado tipo de dramaturgia, mas apresentou como novidade o caráter satírico adotado pela direção para quebrar o tom ingênuo do texto. "La Giustizia" não nos agradou como peça. Salvou-se pela direção e pela interpretação, o mesmo acontecendo com "La Moscheta". Esta poderia ter tido encenação deliciosa se a direção houvesse reduzido o tamanho dos monólogos e de certas cenas como a de Menato e Ruzante no quinto ato.

Nos três espetáculos, a encenação foi sempre superior ao texto. Pode-se mesmo dizer que o Stabile di Torino revitalizou peças sem importância na literatura dramática. O erro da atual temporada do Stabile foi não ter levado em consideração a dificuldade de uma platéia estrangeira entender dialeto italiano. A escolha do repertório visto até agora não deu atenção a esse problema que é agravado pela seleção de peças que possuem imensos monólogos. Nada disto, porém, tem maior importância: o que o Stabile representa de bom — tanto para a platéia em geral como para os nossos meios teatrais — é a superioridade do trabalho dos artistas, que dão verdadeiros "shows" de interpretação. O público brasileiro não se esquecerá mais dos nomes de Edda Albertini, Gastone Bartolucci, Paola Borboni, Pietro Buttarelli, Anna Maroa Cini, Ernesto Cortese, Ivana Erbetta, Alessandro Esposito, Renzo Giovampietro, Gianni Mantesi, Giulio Oppi, Franco Parenti, Carla Parmeggiani, Franco Passatore, Gina Sammarco, Filippo Scelzo e Fronca Tamantini. E merecem parabéns, os diretores Gianfranco de Bosio, Giovanni Poli, Giacomo Colli, Ernesto Cor-